

COLETIVO DE RÁDIO POTÊNCIA MENTAL

Coordenador: ANALICE DE LIMA PALOMBINI

O Coletivo de Radio Potência Mental surge em 2006, em Porto Alegre, através da iniciativa de um grupo de residentes em Saúde Mental Coletiva,[1] em associação com usuários da rede de saúde mental da cidade. Segue a esteira de trabalhos similares, como os das Rádios TamTam, de Santos; Maluco Beleza, de Campinas; La Colifata, de Buenos Aires; e a Radio Nikosia, de Barcelona, com a qual mantém estreita parceria. Tem como mote a realização de um programa radiofônico que vai ao ar às sextas-feiras na Radio Comunitária da Lomba do Pinheiro (FM 87,9). O nome "Potência Mental" foi sugestão de uma moradora do bairro, ouvinte da rádio, que respondeu ao convite para que a comunidade propusesse e elegesse um nome para o programa. Em 2007, o Coletivo participa de ações como a Rádio A Voz do Poste, no Mental Tchê, de São Lourenço do Sul, e do Encontro Mundial de Rádios na Saúde Mental, em Buenos Aires, mas, com o término da residência, deixa de produzir os programas radiofônicos. Contudo, a experiência na Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro havia fundado um lugar para a discussão da Saúde Mental naquela comunidade, de forma que, mesmo na ausência do Coletivo, o espaço se mantém aberto para o programa. Com o aporte da Universidade na forma de projeto de extensão, em 2008 o Coletivo se rearticula, contando com a participação de usuários, estudantes e trabalhadores de saúde mental, e também estudantes e profissionais da área da comunicação. Retoma os programas e também outras intervenções sonoras, como a participação em eventos diversos e a produção de um CD, com músicas e vinhetas compostas pelo Coletivo, e um vídeo acerca dessa produção. Mantém-se em atividade desde então, tendo obtido, em 2009, duas importantes conquistas: a premiação no Concurso Loucos pela Diversidade do Ministério da Cultura e Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz; e a obtenção de financiamento via edital Proext 2009 (MEC/Sesu), através da articulação do Coletivo de Rádio com os projetos Oficinando em Rede e Oficina de Imagens, sob o nome de Programa Rede de Oficinandos, em execução no ano de 2010. Em 2011, segue em atividade com a participação de extensionistas e estagiários de psicologia junto com usuários da saúde mental, que se reúnem, semanalmente, no bar do Instituto de Psicologia, para construir a proposta de programa de rádio a ser levado ao ar na Rádio. O Coletivo de Rádio Potência Mental faz soar vozes diferentes nas manhãs de sextas-feiras, no bairro Lomba do Pinheiro; dá um tom vibrante aos encontros acadêmicos a que é convidado; traz um pouco da desordem da vida a eventos previamente programados; embaralha textos

e personagens. É que não somente se trata de um Coletivo que agrega pessoas com diagnóstico psiquiátrico e docentes, estudantes e trabalhadores de comunicação e saúde mental, diagnosticados ou não; é também um Coletivo onde atua gente que mora às vezes em bairros longínquos, ou mesmo em cidades vizinhas, e que se deslocam, por conta do fazer rádio, de um ponto a outro do mapa, em percursos que vão desenhando também outros laços: o bar da Universidade, onde se lançam as ideias para o programa que irá ao ar; uma entrevista sobre saúde mental, em outra rádio comunitária do outro lado da cidade; os dezoito de maio em São Lourenço do Sul ou em outras cidades do interior, fazendo rádio poste; o almoço compartilhado na casa de uma integrante do grupo; as oficinas nos serviços de saúde, convidando seus usuários à participação no Coletivo; a intervenção em eventos sobre mídia e saúde mental que acontecem no estado; as conversas cruzadas com o programa da Radio Nikosia, de Barcelona a Porto Alegre; a participação em eventos de extensão universitária. O Potência Mental reúne heterogêneos que trabalham para expandir suas ondas de rádio para além dos limites de um bairro, pois quer fazer soar nas redes sonoras da cidade uma voz dissonante daquela que se ouve na mídia local, que faz, da loucura, incapacidade, doença a ser segregada. Mesmo menor, andante, na periferia, sua experiência é produtora de efeitos notáveis sobre a posição subjetiva de seus participantes, que encontram, no projeto da Rádio, a possibilidade de experimentação de outros lugares e funções (entrevistadores, poetas, radialistas, cantores, palestrantes...) e o alargamento de suas redes para além do âmbito circunscrito, sejam famílias e serviços de saúde, seja do circuito universitário. Busca, dessa forma, a desestabilização de estigmas sociais bastante arraigados com respeito à loucura. Mas, através dos programas radiofônicos, não apenas a saúde mental e temas afins são debatidos − como respeito, preconceito, diferença −; mas os assuntos mais variados entram na pauta, tratando desde amizade, alimentação, juventude e velhice, teatro, relacionamentos, até discos-voadores e fantasmas. Embora seguidamente atravessados pela questão saúde e tudo o que ela implica, os temas desviam-se de foco e saltam em várias direções. Essa talvez seja uma das balizas do Coletivo na atualidade (entendendo-se atual como tudo aquilo que estamos sempre deixando de ser): a renúncia, não só à dimensão terapêutica, mas também ao ideário reformista enquanto núcleos das produções, ou suas finalidades últimas. A renúncia, porém, é a essa idéia de fim, de centralidade ou direção, e não à realização mesma dessas dimensões. Assim, para um, estudante não diagnosticado, a Rádio é terapêutica. Para outro, desafia a vergonha de falar a um público invisível. Outros ainda vêem nela instrumento de impetrar respeito. Ela é todas essas coisas porque não se pretende nenhuma delas. Para cada uma das linhas que compõem o Coletivo, há

um objetivo. Nunca se consegue alcançar seu "objetivo central"; talvez o mote seja dar vazão a tantas linhas quantas surgirem, mesmo se o que surgir não vier dos diagnosticados. Essa é outra marca do Coletivo. Muitas das experiências que articulam rádio e saúde mental insistem na importância de o programa ser produzido inteiramente pelas pessoas em situação de sofrimento psíquico, ou com história de tratamento psiquiátrico. O Potência Mental entende que é possível incluir a diferença sem rotular os "diferentes" (o que acaba por excluí-los). A diferença que se manifesta é a inerente aos encontros, não aquela que se prende a um rótulo qualquer. Por isso o uso do termo "diagnosticados", aprendido com a Rádio Nikosia, para chamar alguns de nossos locutores, ao invés de "loucos"; afinal, sua condição é a de pessoas com a marca da nosologia e do tratamento psiquiátrico, uma vez que a loucura, descolada dessas pessoas, está no Coletivo e em todos os seus encontros disruptivos. Assim, o espaço do Coletivo de Rádio é um espaço de criação para todos. Não "dar voz" aos usuários dos serviços de saúde mental, "marginalizados e excluídos", mas dar-se voz a todos, pessoas diferentes cujo encontro pode libertar o pensamento aos mais extraordinários vãos. Jamais profissionais dando voz a pessoas em sofrimento psíquico, mas todos e cada um dando sua voz a ouvir e experimentando comunicação. Mais do que isso: é o Coletivo, liberto de categorias e para além e aquém dos indivíduos, dando voz à multiplicidade que o constitui a cada momento.